

Reforma promissora

O ensino público paulista atravessa fase marcada por razoável sensatez. A secretaria da Educação, Rose Neubauer, apresenta como pretensão a busca de "um modelo mais racional". O tom é saudável, sobretudo pela coerência: "(...) construir menos escolas mas procurar o aproveitamento dos recursos existentes, até mesmo empregando só os professores realmente necessários". (...)

A linguagem é nova em área mais que calejada em monótonos discursos de promessas mil. Talvez a educação precise mesmo disto: sinceridade de pretensões! Se essa sinceridade agrada ou não aos interesses mais difusos é outra conversa.

Em termos técnicos, é inegável que a secretaria Neubauer pretende um redimensionamento da rede física. Não era sem tempo. A rede física que temos já completou 20 anos (produto de salutar "revolução" que definiu melhor a quem pertence o direito de estudar em escola pública), mas já não atende mais ao perfil, muito diferente de duas décadas atrás, da atual clientela. Não foi apenas o "mundo físico" ao redor da escola que mudou. Há uma distância entre o que é escola para um jovem de 16 anos e uma criança de 8 — distância que não pode mais ser desprezada. Quando a secretaria fala em reorganização das escolas "de acordo com o trabalho pedagógico", demonstrando a necessidade de separar ambições educacionais do jovem (que a nossa sociedade já transformou em um "quase adulto"), de um pré-adolescente e esses dois grupos de um terceiro formado pela criança que cursa da primeira à quarta série, está tratando com alguma seriedade coisas distintas. Por outro lado, potencializar recursos humanos educacionais implica antes de mais nada aproveitá-los bem. Será, talvez, muito possível capacitar esse recurso se se entender que linguagens diferentes existem para essas três etapas da trajetória educacional na rede pública. É impossível negar que a idéia do que seja o ambiente pedagógico é bem diferente em cada uma dessas etapas. Do ponto de vista da redistribuição da rede física, é exequível uma

reforma desse tipo. Resistências haverá em quaisquer circunstâncias. Mas é inquestionável que algo precisa ser feito.

A reforma, evidentemente, não pode deixar de ter uma visão sistêmica, cuja ausência vitimou outras tentativas de reforma do ensino paulista.

Ordenar o fluxo de alunos é ter presente que 1,5 milhão de alunos reprovados todos os anos, em rede que tem pouco mais de 6 milhões de estudantes ma-

triculados, significa a perda de 25% dos esforços empreendidos, pedagógicos ou financeiros. E mais: que o sistema está sendo incompetente para lidar com as necessidades. Não se reduz tal incompetência cuidando só dos segmentos privilegiados. Essa visão é a negação da idéia de sistema escolar público e democrático. A discussão da experiência de Minas Gerais das "escolas autônomas" deve levar em conta essa perspectiva e a secretaria acerta quando chama para o debate as entidades do magistério. A autonomia é produto tanto do exercício de competência como da vontade de trabalhar mais e por isso melhor. Tudo o que se tem visto nos últimos anos — inclusive em termos internacionais — demonstra que não é pela imposição que vinga a promissora idéia da autonomia. A pioneira experiência de escolha por seleção de projeto do "delegado de ensino" é um bom primeiro passo nessa direção.

Resta, como sempre restou, a espinhosa questão dos salários. Se a ordenação do fluxo e o controle do aluno fantasma implicarem apenas o emprego do recurso humano indispensável, obviamente uma sobra de caixa vai permitir "sonhar" com salários no mínimo menos ruins. No item Financiamento da Educação, merece atenção a decisão do Conselho Estadual de Educação de que merenda escolar, transporte de aluno e pagamento de aposentado não podem ser mais considerados "gastos com Educação" para atender a preceitos constitucionais. Estudos da Apoesp demonstraram o quanto é possível "maquiar" esse atendimento constitucional. A secretaria Neubauer, cumpre notar, assinou a deliberação do Conselho.

As medidas anunciamas pela secretaria da Educação dão esperanças para o ensino paulista